

Capoeira de Mato Grosso do Sul: racismo, artefatos culturais e currículos evidenciados

RESUMO:

Abordaremos neste texto a produção de currículo cultural na capoeira de Mato Grosso do Sul (MS). Partiremos das análises de artefatos culturais, ligadas à produção de cantigas e saberes da capoeira local, a saber: um álbum do Grupo Camará Capoeira, o álbum do 1º Festival Nacional de Ladainha e o documentário “Memória dos mestres de referência da Capoeira do estado de Mato Grosso do Sul”. O objetivo geral do trabalho foi evidenciar práticas racistas e os currículos culturais das cantigas de capoeira. Para as análises, a abordagem foucaultiana sobre poder e discurso toma destaque, e nos utilizamos dos Estudos Culturais como aporte teórico. Consideramos que o material audiovisual foi potente para fazermos as primeiras observações sobre a produção dos currículos culturais, tais como: racismo, violência, religiosidade e escravização. Mas ainda é preciso ampliar as investigações sobre currículo cultural e capoeira no que diz respeito à prática local, e entendemos que há outros artefatos no universo da capoeira que podem ser investigados.

Palavras-Chave: Racismo; Currículo cultural; Capoeira; Mato Grosso do Sul; Cantigas

Marcelo Barbosa Alves

Mestre em Estudos Culturais (UFMS).
Doutorando em Educação (UFMS).
Professor da Secretaria de Estado de
Educação de Mato Grosso do Sul.
Membro da Associação Camará Capoeira.
Campo Grande, MS, Brasil
marcelo.b@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0001-6529-8571>

Marcelo Victor da Rosa

Mestre em Educação Física (UFSC)
Doutor em Educação (UFMS).
Professor nos Programas de Pós-Graduação
em Estudos Culturais (PPGCult) e Educação
(PPGEdu) da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul.
Pesquisador no Impróprias – Grupo de
Pesquisa em Gênero, Sexualidade e
Diferenças.
Campo Grande, MS, Brasil
marcelo.rosa@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-0621-0389>

Capoeira in Mato Grosso do Sul: racism, cultural artifacts, and curricula highlighted

Abstract

This text will address the production of cultural curriculum in capoeira in Mato Grosso do Sul (MS). We will begin with the analysis of cultural artifacts linked to the production of songs and knowledge of local capoeira, namely: an album by the Camará Capoeira Group, the album of the 1st National Ladainha Festival, and the documentary "Memory of the Masters of Reference of Capoeira in the State of Mato Grosso do Sul". The overall objective of the work was to highlight racist practices and the cultural curricula of capoeira songs. For the analyses, the Foucauldian approach to power and discourse takes center stage, and we use Cultural Studies as a theoretical framework. We consider that the audiovisual material was powerful for making initial observations on the production of cultural curricula, such as racism, violence, religiosity, and enslavement. However, it is still necessary to expand investigations on cultural curriculum and capoeira with regard to local practice, and we understand that there are other artifacts in the universe of capoeira that can be investigated.

Keywords: Racism; Cultural curriculum; Capoeira; Mato Grosso do Sul; Songs

Capoeira en Mato Grosso do Sul: se destacan el racismo, los artefactos culturales y los planes de estudio

Resumen

Este texto abordará la producción de currículos culturales en capoeira en Mato Grosso do Sul (MS). Comenzaremos con el análisis de artefactos culturales vinculados a la producción de canciones y al conocimiento de la capoeira local, a saber: un álbum del Grupo Camará Capoeira, el álbum del 1er Festival Nacional de Ladainha y el documental "Memoria de los Maestros de Referencia de la Capoeira en el Estado de Mato Grosso do Sul". El objetivo general del trabajo fue resaltar las prácticas racistas y los currículos culturales de las canciones de capoeira. Para los análisis, el enfoque foucaultiano sobre el poder y el discurso ocupa un lugar central, y utilizamos los Estudios Culturales como marco teórico. Consideramos que el material audiovisual fue valioso para realizar observaciones iniciales sobre la producción de currículos culturales, como el racismo, la violencia, la religiosidad y la esclavitud. Sin embargo, aún es necesario ampliar las investigaciones sobre el currículo cultural y la capoeira en relación con la práctica local, y entendemos que existen otros artefactos en el universo de la capoeira que pueden ser investigados.

Palabras clave: Racismo; Currículum cultural; Capoeira; Mato Grosso do Sul; Canciones

INTRODUÇÃO

A capoeira popularizou-se como prática a partir das diferentes manifestações dos seus estilos de jogos. Logo, a capoeira não é una, ela é diversa. Pudera, pois sua criação e disseminação se dão pelas singularidades dos sujeitos que a praticam. Neste sentido, é muito difícil definir a capoeira, justamente por ela não se fazer passar por algo único, natural, linear. Há quem pratica um estilo de jogo da capoeira, há quem pratique todos os estilos de jogo da capoeira, dando uma complexidade enorme à tentativa de entender a dinâmica da prática ou do praticante de capoeira.

Defendemos há tempos que a capoeira é fruto das relações de poder, sendo resultante dos seus jogos e dinâmicas, pois, conforme as normas vigentes de determinados períodos históricos e características regionais, ela está atrelada a uma ou outra forma de ação — como, por exemplo, a capoeira baiana, que promoveu o resgate e a disseminação da prática, e até mesmo a capoeira de Mato Grosso do Sul, que tem suas peculiaridades (Alves, 2024). Logo, podemos afirmar que a capoeira produz não somente conformidades, mas também agência e resistência, a partir da dinâmica do poder.

Quando falamos em poder, estamos nos remetendo à tradição foucaultiana; neste sentido, o poder está em uma relação de desequilíbrio, com tensões entre os diferentes sujeitos, e é ele ambivalente. Mas ainda, conforme nos diz Foucault (1988), o interessante não é saber quem exerce em menor ou maior medida o poder, mas sim quais relações são tensionadas pelos seus exercícios, quais realidades são construídas — em outras palavras, o que o poder produz. Desta maneira, o poder não está em uma relação fixa, de perpetuação; ele é dinâmico, fluido e promove deslocamentos.

A própria cultura é uma realidade construída pelo exercício do poder, que se dá através de jogos e tensionamentos. Isso nos ajuda a pensar em culturas que não são naturais e, logo, não podem ser naturalizadas; que a todo o momento se inter-relacionam, mediadas pelas experiências vividas em cada lugar, por cada sujeito. Williams (2015) aponta que o campo das experiências é algo importante para a construção da cultura por nós. A cultura, nessa perspectiva, é algo comum a todos, e as experiências são úteis para ressignificar, observar e comparar as ações, criando assim os rumos de uma cultura, por assim dizer.

E por que dar essa ênfase às experiências? Defendemos que o currículo em capoeira é construído através de diversas relações dadas pelos seus sujeitos, a partir de relações descontínuas que promovem pequenas rupturas. A criação de currículo, portanto, é diversa, podendo ter prestígio em um local e em outro local, não; para um sujeito, sim, e para outro sujeito, não. Eis que se manifesta nessa questão a noção de cultura, sendo essa dinâmica produzida constantemente. A produção de um currículo em capoeira poderá ser entendida em um movimento constante de interação entre os sujeitos, suas experiências e negociações locais.

De forma geral, Silva (2013) concebe o currículo no campo da governança ou ainda das estratégias de autogovernança. Essas estratégias não são produzidas somente em relação ao indivíduo, mas, em geral, estão relacionadas ao jogo de poder posto entre os indivíduos, produzindo o autocuidado, o autocontrole e o cuidado de si, além de mecanismos regulatórios da própria conduta.

Antes de prosseguirmos, é necessário aqui demarcar o currículo no cerne das relações de poder, ou seja, o poder tensiona a produção de currículo, de forma a legitimar ou deslegitimar os saberes, as normas, as condutas e a própria forma de o sujeito se relacionar e se posicionar perante o mundo.

O poder está inscrito no currículo através das divisões e narrativas inerentes ao processo de seleção do conhecimento e das resultantes divisões entre os diferentes grupos sociais. Aquilo que divide e, portanto, aquilo que inclui/exclui, isso é o poder. Aquilo que divide o currículo, que diz o que é conhecimento e o que não é – e aquilo que essa divisão divide – estabelece desigualdade entre indivíduos e grupos sociais – isso é precisamente o poder (Silva, 2013, p. 191).

Silva (2013) vai trabalhar a noção de currículo por meio da produção nos campos do saber e do poder. É interessante notar que o currículo está voltado para estratégias de regulação e governo das condutas dos sujeitos, implicando estratégias de governo. Neste sentido, o poder está centralmente estabelecido nessa discussão, o qual vai tensionar as relações de produção e validação de determinado currículo.

O currículo, assim, estará para além de uma grade de conhecimento dada por conteúdos estruturais; ele representa as diferentes possibilidades, constituídas por ambivalências, correlação de forças e contingências, produzindo identificações e diferenças. O currículo representa a produção em sentido amplo, na tentativa de extrapolar as discursividades das culturas e diferenças, adotando assim o lugar híbrido na cultura (Ribeiro, 2017).

Carregar conosco marcas de experiências vividas, símbolos, códigos das relações travadas; são produtos de determinados currículos em nós. Ao mesmo tempo em que produzimos um currículo quase particular — que guia as nossas decisões, estéticas, condutas e, logo, produz nossas subjetividades e identidades —, ele próprio é ambivalente na medida em que constrói a noção de sujeito intermediado pelas ações do eu e do outro. Assim, o currículo em capoeira é dado a partir de múltiplas relações, as quais são produtoras não só de conteúdos, mas de realidades presentes vividas.

É importante dizer que diferentes discursividades denotam diferentes currículos, os quais culturais. Podemos pensar, dessa forma, em como os currículos culturais aparecem na prática da capoeira, em especial na capoeira de Mato Grosso do Sul?

Estamos aceitando aqui que o currículo em capoeira não carrega em si conteúdos que estão dados, a princípio, pela natureza da prática, mas sim que traz processos de subjetivação coletiva e individual, os quais acionam determinados conteúdos, temas, conhecimentos e significados. Por mais que exista um conhecimento pretensamente natural à capoeira, a forma que esse conhecimento será desenvolvido é dada por acionamentos diversos, por construções que vão se aproximar ou se distanciar daquilo que seja tido como natural da capoeira.

Mas, afinal, por que estamos tratando de currículo cultural em capoeira? A princípio, como apontam Costa, Wortmann e Donin (2016, p. 521), o currículo cultural aparece nas abordagens dos Estudos Culturais preocupados com as análises das textualidades: “A ideia primordial seria proveniente das discussões de Hall sobre o caráter constitutivo, produtivo e regulador da cultura e de seus artefatos, especialmente os midiáticos”.

Os artefatos culturais são resultantes de processos de construção social, constituídos por representações sociais e por significados culturais, que produzem saberes e práticas. Para além, “[...] os artefatos culturais operam como pedagogias culturais, denotam suas formas, que chamamos de cultural para dizer que seus ensinamentos implicam em produções de modos de ser e agir” (Andrade, 2016, p. 111).

Assim, a capoeira enquanto pedagogia cultural possui em seu escopo de conhecimento artefatos culturais que vão produzir representações diversas do sujeito praticante de capoeira e das suas identidades. Isso é dado por um currículo que se constitui em currículos culturais, sendo ele

próprio um artefato cultural. Para além, temos as cantigas, os mestres, os instrumentos, a ginga etc., que também são artefatos.

Neste trabalho, o objetivo é evidenciar as práticas racistas e os currículos culturais que compõem a capoeira de Mato Grosso do Sul. Para tanto, partiremos da análise dos artefatos culturais, a saber: a) o documentário “Memórias dos mestres de referência da Capoeira do estado de Mato Grosso do Sul” (Memória [...], 2022); b) cantigas de capoeira, encontradas no álbum “1º Festival Nacional de Ladainha”, que aconteceu em Campo Grande/MS em 2001; e c) cantigas do álbum do Grupo Camará Capoeira.

No documentário, foi observado como os mestres de capoeira que participaram da gravação se posicionavam em relação à capoeira de Mato Grosso do Sul, assim, buscamos evidenciar como os discursos formam currículos culturais e como eles tensionam as relações de poder e produzem campos de disputas.

Nos álbuns, observamos especificamente os currículos culturais evidenciados nas cantigas, as quais remetiam à prática da capoeira. Analisamos os sentidos destas cantigas em relação à produção da própria capoeirista de MS. Assim, ao pensar em cantigas, pensamos em discursividades que formam sentidos, identidades e subjetividades.

Pensar as discursividades da capoeira a partir das letras das cantigas e algumas falas de mestres será ponto focal dos próximos tópicos; para tanto, pautaremos as discussões nas análises dos discursos — operador metodológico utilizado por Foucault (2007).

O discurso na tradição foucaultiana não significa olhar para as palavras e interpretá-las, tampouco a tradução das lutas ou sistemas de dominação; o discurso, nesse sentido, é mais que mera visão semântica das palavras. Dito isso, ele assume um papel relevante na construção da interpretação da história do presente, permitindo, assim, problematizar temas da nossa cultura, o regime de produção de verdades e as possibilidades e impossibilidades do pensamento. Para além, nós nos apropriaremos dos Estudos Culturais como aporte teórico, que podem nos dar vestígios de como as relações de poder são tensionadas, as identidades são formadas e os currículos culturais são externados.

Dito isto, o trabalho está dividido em quatro seções, a saber: na primeira seção, “Introdução”, fundamentamos a realização da pesquisa, à medida que abordamos a necessidade de se entender os currículos culturais postos na capoeira não em um sentido generalista, mas em sentidos relacionados à prática da capoeira de MS; na segunda seção, “Capoeira, racismo e combate ao racismo”, discorremos sobre a capoeira e o racismo e sua superação; na terceira seção, “Cenário da capoeira de Mato Grosso do Sul – memórias dos mestres de referência” trataremos como os mestres locais tensionam as relações de poder, formam discursividades e produzem os seus currículos culturais; e na quarta seção “O que há nas cantigas de Mato Grosso do Sul – currículos evidenciados” aparecem as análises das cantigas de capoeira, assim como os currículos evidenciados. Finalizando, nas considerações finais, trataremos possíveis contribuições gerais do trabalho, assim como futuros desdobramentos.

Capoeira, racismo e combate ao racismo

A capoeira é um bem cultural do Brasil, apontado como tal no Dossiê Iphan 2017 e reiterada no parecer final de reavaliação do título de Patrimônio Cultural do Brasil da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira (Parecer Técnico nº 4/2022/COREG/CGIR/DPI). Tal pressuposto não nasceu a partir do dispositivo legal ou normativo, mas sim, a partir de práticas sociais e

culturais. Dito isso, a capoeira é uma prática que ganha movimentação em corpos construídos a partir de experiências diversas, dadas pelo local e tempo de atuação dos sujeitos.

Se no passado a capoeira era um elemento de resistência física e cultural de povos, os quais foram traficados para solos brasileiros e submetidos a vários tipos de violências, das quais não somente as físicas, mas também culturais, religiosas, financeiras, matrimoniais, assim, negaram-se o modo de existir dos povos africanos. Neste sentido, a prática da capoeira significou uma produção não só de uma luta, mas de uma reestruturação do pensamento africano, ocasionado pela diáspora, que em contato com elementos da cultural indígena e a própria cultural europeia formulou “uma arte de existir”.

As experienciais vividas por homens e mulheres negras no Brasil são carregadas de negação do próprio modo de viver, pensar e agir de uma autoimagem ou autoidentidade africana. O que ter valor e ao mesmo tempo subjetivado no pensamento das pessoas negras é o pensamento colonial, dado por experiências tipicamente europeias. Logo, o que passa a ter valor é aquilo que a Europa produziu em termos de cultural, arte, linguagem e música, o padrão europeu é o padrão almejado.

Não estamos aqui dizendo que as tradições africanas, aquelas que chegaram com os navios negreiros, inscritas nos corpos das pessoas que neles eram traficados, devessem permanecer até os dias atuais, e sim, estamos apontando para existência de um elemento produtor, que estrutura toda uma forma de estar no mundo, baseado nas tradições africanas e formulado pela “arte de existir” apontada por Mbembe (2001), ou então o “entre-lugar” dado pela ideia de Homi Bhabha (1998).

A desvalorização das pessoas negras se deu ao logo da nossa história, mas é importante enfatizar que os povos africanos foram escravizados não somente pela cor da sua pele, também por outras razões.

Mulheres e homens africanos foram trazidos para a América na condição de escravizados, não porque eram negros, fortes, menos inteligentes. Pelo contrário, eles foram arrancados de seus lugares de origens porque tinham a melhor tecnologia da época, para suprir as necessidades criadas pela colonização. Que tecnologias eram essas? Era mineração, metalurgia, domesticação de animais, entre outros. A África deu ao mundo a possibilidade, inclusive, da palavra e da escrita (Santos, 2020, p. 12).

Para tanto, foi preciso destituir negros e negras das suas identidades, desvalorizar suas crenças, afastar os seus costumes, pensamentos e tradições. Em outras palavras, foi preciso moldar o negro, para que o seu pensamento fosse desvinculado de um valor e que passasse a valorizar o pensamento e ideias “brancas”.

Souza (1983) nos convida a refletir como o ideal da branquitude influencia o comportamento psíquico das pessoas negras, fazendo com que elas mudem os seus comportamentos, afastando-se das suas próprias identidades, desta forma rejeitando o ser negro em detrimento de um tornar-se branco. A autora ainda nos provoca dizendo que a de se fazer um movimento contrário em que negros e negras deveriam refletir sobre as suas existências e desta forma buscar torna-se negros.

O que vemos é uma crise de identidade forjada pela desapropriação do sentido de pertencimento a um determinado costume, tradição, movimentos étnicos, raciais, religiosos e nacionais (Hall, 2006). A oportunidade de vivenciar a identidade cultural é negada ao sujeito, e desta forma o afastando da sua luta diária por uma existência que realmente contemple a sua plenitude. O que temos é uma sociedade racializada, que do mito da democracia racial as diversas tentativas de

embranquecimento da pele e da cultura das pessoas negras, ainda vem violentando o direito de existir de negros e negras.

Porém, essa relação não é uma via de mão única, há algo que buscar equilibrar a balança, que tensiona as relações, que produz. Nesse sentido, mesmo que a violência contra pessoas escravizadas tenha sido, ou é um capítulo amargo da nossa história, ainda assim ela produziu/produz corpos, realidades, subjetividades, pensamentos e acima de tudo resistência.

Às pessoas negras restou a possibilidade de negociar a sua existência em um local onde a linguagem, os costumes, as comidas, as religiões não são muitas das vezes familiares. Tal negociata deu-se a partir daquilo que eles trazem consigo inscritos em seus corpos e em suas memórias, sobre as vivências, costumes, tradição da África imaginada, a qual muitos vivenciam e aprendem através de práticas que carregam oralidades e ancestralidades.

É nesse sentido que há o exercício do poder, o qual causa desequilíbrio entre as relações. Se de um lado podemos ter a negação da existência das pessoas negras, por outro lado há um movimento que busca valorizar as identidades negras. Assim, o poder que acontece nas relações travadas entre os sujeitos se torna ambivalente.

Podemos influir que há vários movimentos de expressão que buscam a valorização das identidades negras, dentre eles a capoeira é uma prática que carrega muitos significados, vinculados ao modo de viver, pensar e agir e que apontam para a construção de uma identidade política das pessoas negras e uma prática antirracista.

Neste sentido, a negritude como identidade é um aspecto amplo da marcação do sujeito. Ser negro é algo que denota uma existência política que vai além da cor da pele e que carrega traços da história social e cultural do Brasil. Logo, a maneira que sujeitos negociam suas existências em uma sociedade a qual tem a branquitude como padrões identitários de sucesso são diversos, mas, políticos. Na capoeira, essa identidade vai transparecer com muita frequência (Alves, 2024, p. 33-34).

É justamente uma identidade política, de luta por uma relação que não seja a de racialização, ou de manutenção do racismo estrutural, que perpetua o movimento capoeiro. Se até aqui, na história presente, o que prevalece é a ambiguidade branco/negro, ou ainda a negritude dada como “raça”, a capoeira muita das vezes aciona uma identidade política e busca tencionar essa relação, positivando uma realidade que desconstrói o ser negro como algo vergonhoso e reformula esse sentimento para o orgulho de Ser Negro!

Estamos apostando não na naturalização da prática da capoeira como um dispositivo de combate ao racismo, mas sim, apontamos que nos seus currículos culturais, experiências e práticas, a capoeira pode estar voltada para um letramento racial, o qual irá fomentar discussões e ações de combate ao racismo, seja pela sua ritualística, sejam pelas suas canções os seus próprios símbolos.

Parece haver uma contradição em nossa escrita, ao dizer que ela não é ao mesmo tempo que é, pudera, pois não estamos falando de sujeitos capoeiristas com as mesmas formações, pensamentos, atuações e lugares, e sim, de sujeitos diversos, que formam os seus currículos culturais a partir das suas experiências e o contato com a capoeira. É neste sentido que buscamos evidências como as cantigas de capoeira podem ou não estar vinculadas a um combate efetivamente do racismo estrutural nos diferentes campos de atuações.

Não negamos a potencialidade que a capoeira tem de produzir ações de combate a prática racistas, como nos diz Macena, Oliveira, Peçanha (2019) ao trazerem a capoeira como uma prática de reflexões metodológicas antirracistas, oral, ancestral e afroreferenciada. É neste sentido que

trazemos reflexões de como a capoeira pode tensionar os campos de disputas na busca por uma legitimidade de ação, a qual acreditamos estar mais perto do combate a ideologias racistas do que a manutenção do racismo.

Cenário da capoeira de Mato Grosso do Sul – memórias dos mestres de referência

Neste tópico, traremos o documentário “Memórias dos mestres de referência da Capoeira do estado de Mato Grosso do Sul”. Pretendemos fugir de uma historiografia da capoeira de MS, não por desconsiderarmos a história como elemento importante para a constituição dos sujeitos, mas por acharmos que a capoeira do presente é uma pedagogia emergente para o entendimento sobre os sujeitos praticantes de capoeira. Ou seja, é esta capoeira que está reiterando esses sujeitos na sua realidade local, denotando diferenças, identidades e subjetividades.

O documentário começa com Mestre Adilson — ou Sula, para alguns — declamando um poema e, logo em seguida, cantando uma música: “Às vezes me chamam de negro¹”. É interessante notar em sua interpretação que o mestre traz a negritude, a escravização e as condições de vida dos negros como centralidade.

Às vezes me chamam de negro
Pensando que vão me humilhar
Mas o que eles não sabem
É que só me fazem lembrar
Que eu venho daquela raça
Que lutou pra se libertar (Memória [...], 1min5s 2022).

Muitas vezes as cantigas no universo da capoeira de MS não são compostas pelos sujeitos da capoeira local. Como lembra Hall (2006), manifestações culturais são compartilhadas com locais os quais não são os seus de origem, e a própria cultura e suas manifestações são comercializadas para além das suas fronteiras. Logo, cria-se um coletivo de pessoas, com ideias e anseios em comum — sendo, neste caso, o anseio de denunciar as estruturas racializadas e promover o combate ao racismo instituído nas ações e estruturas. Essa questão está muito ligada à busca de uma identidade negra como política, de denunciar ao mesmo tempo que positiva² para a luta das pessoas negras contra um presente que ainda remete a preconceitos e estereótipos racistas.

Os mestres que participaram do documentário não representam a totalidade de mestres de Mato Grosso do Sul; muitos outros não estiveram na gravação por motivos desconhecidos. Daqueles que estavam presentes, a maioria possuía um apelido na capoeira: Jaraguá, Mato Grosso, Sapela, Canuto, Liminha, Fumaça, Pantaneira, Pernambuco, Caverninha, Pernalonga, Cobra, Ratinho, Bob, Macaúba, Jamaica e Sadã. Segundo Pospichil et al. (2012, p. 10), o apelido “[...] é uma tradição desde os tempos em que a capoeira era considerada uma arte marginal e os praticantes de capoeira eram obrigados a usar codinomes para não serem identificados, pois poderiam ser pegos pela polícia”. É importante registrar que no passado a prática da capoeira era proibida no Brasil, podendo ser o seu praticante penalizado pela lei, e por esse motivo, os apelidos eram necessários, para não identificar os sujeitos pelos nomes, tornando difícil o trabalho de investigação de quem eram os praticantes da capoeira daquela época.

¹ Autor: Mestre Luiz Renato Vieira.

² Positiva no sentido de produção, conforme nos remete a teoria foucaultiana.

Mesmo considerando que a capoeira sofre modificações conforme a época e o local, ainda há elementos que permanecem nela, como os apelidos, prática utilizada por décadas para identificar os praticantes de capoeira. Foucault (1988) nos mostra que os deslocamentos e mudanças acontecem de forma imperceptível, como algo natural. Hoje, na capoeira, esses apelidos vêm se tornando cada vez menos frequentes, as pessoas passam a ser conhecidas por seus nomes, como um dos autores deste trabalho, que na capoeira se identifica pelo seu próprio nome, ou um mestre conhecido em Campo Grande que se identifica como Mestre Marcos Mattos.

Em um episódio do podcast Capoeira Cast, denominado “Trajetórias da Capoeira do Mato Grosso do Sul - Entrevista com Mestre Marcos Mattos” (Trajetórias [...], 2021), Mestre Marcos Mattos fala que adotou o seu nome de registro civil no mundo da capoeira, pois não sente a necessidade de esconder o seu verdadeiro nome, uma vez que atualmente os praticantes de capoeira podem se identificar sem sofrer sanções ou perseguições.

Essa ideia de ressignificação da capoeira é notada por alguns mestres, os quais afirmam que a capoeira possui uma base constitutiva, cujas particularidades devem ser observadas. Há a consciência de que a capoeira jogada hoje não é a mesma de outrora, por exemplo, a que Mestre Bimba ou Mestre Pastinha jogavam. Esse fato nos interessa, pois podemos refletir que a capoeira está em constante modificação, e é nessa mistura entre o passado e o presente que se constroem novas realidades. Eis aí que ancestralidade e tradição entram em atrito com o novo, produzindo outra realidade, novos discursos e novos currículos culturais.

Um aspecto que podemos notar nas narrativas dos mestres nesse documentário é a questão da religiosidade na capoeira. Mestre Jogo de Dentro, em seu livro “Capoeira Angola e Ancestralidade”, nos diz que esse estilo sempre esteve muito ligado a religiões de matrizes africanas, e que estas fazem parte da própria ritualística da capoeira (Santos, 2020). A fala dos mestres de Mato Grosso do Sul vai na direção de afastar essa ancestralidade da prática da capoeira, dizendo que ela não tem religião, e sim os praticantes de capoeira. Neste sentido, buscam reafirmar que a capoeira é uma prática democrática, que aceita todas as religiões. Como afirma um mestre de capoeira: “Quem tem religião somos nós, a capoeira não tem religião. A capoeira é livre” (informação verbal).

Para nós, a disputa religiosa, mascarada pela liberdade religiosa na prática da capoeira, pode apontar o que Foucault (2019) refletiu sobre a produção de verdade. A quem e por que uma determinada verdade interessa? Os discursos religiosos estão numa relação que promove uma determinada ordem social, ou seja, esses discursos estão a serviço de uma disciplinarização dos sujeitos, os quais devem se encaixar em morais e ordens estabelecidas. Neste sentido, ao mesmo tempo em que a capoeira está a serviço da luta contra o racismo, ela estabelece relações de valorização de uma determinada ordem em relação à outra; reitera, assim, relações raciais, as quais observaremos no decorrer deste artigo.

Outro sentido que podemos observar nas falas dos mestres é o papel que a capoeira tem, de certa forma, de apaziguar as relações sociais. Um dos mestres diz que a capoeira o ensinou a conviver com ela própria, a tratar o ser humano de uma maneira respeitável, independentemente de cor, “raça” ou religião, desta forma, negando que através da capoeira o racismo possa acontecer, ou mesmo, que há uma ação de combate ao racismo de forma consciente, mas sim natural.

O que estamos trazendo é que a capoeira de Mato Grosso do Sul pode estar ligada ao estabelecimento de uma ordem moral, a qual considera sua prática como um elemento de produção dos sujeitos que reiteram as normas sociais e que produz ambiguidades. Em vários momentos os mestres de capoeira falam sobre seus objetivos de trabalho com a arte e o que pretendem com ela. É recorrente falarem sobre disciplina, ordem, educação, ensinar a conviver, salvar do mundo das drogas e combate à violência.

Para além, a capoeira é uma possibilidade de gerar pontos de agência e resistência, na medida em que, ao se perceber à margem da ordem estabelecida, o praticante de capoeira age de forma a produzir uma realidade positiva para as suas ações. É como no caso da Mestra Pantaneira, única mulher a participar do documentário e uma das únicas mulheres mestra de capoeira que atua no cenário da prática em Mato Grosso do Sul.

O que há nas cantigas de Mato Grosso do Sul – currículos evidenciados

Até o momento, fizemos um percurso para discutir o que é cultura, racismo e currículo cultural e como isso pode ser manifestado na capoeira de Mato Grosso do Sul. É importante lembrar que a nossa análise parte da observação de artefatos culturais, os quais, documentário e cantigas.

As análises deste tópico serão realizadas a partir das cantigas da capoeira de Mato Grosso do Sul. Em 2001, foi realizado em Campo Grande/MS o 1º Festival Nacional de Ladainhas, do qual participaram vários atores da capoeira do nosso estado. Tal festival aconteceu por meio de uma parceria entre a Secretaria de Estado de Cultura, Desporto e Lazer, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o Instituto Casa da Cultura Afro-brasileira (ICCAB), através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura. As cantigas desse festival, intitulado “A Paz em ação – não à violência”, foram encontradas no canal do YouTube Acervo Digital Memória Fonográfica de MS.

Também em 2001, a Organização das Nações Unidas (ONU) retoma a discussão do dia de não violência e cessar-fogo, instituindo a data de 21 de setembro como o dia da não violência. Esse discurso internacional toma conta do mencionado festival de ladainha, influenciando na composição das músicas, assim como no próprio nome do festival.

Outro artefato que analisamos foi a produção de um CD do Grupo Camará Capoeira. O referido CD foi produzido em 2013 e conta com a participação de praticantes de capoeira pertencentes ao grupo. O terceiro artefato cultural foi obtido no Facebook, com cantigas também compostas por integrantes do referido grupo.

As cantigas de capoeira são carregadas de relações de poder, as quais muitas vezes passam despercebidas por aqueles que cantam e estão reproduzindo ou reiterando normas e comportamentos sociais — os quais podem acarretar a própria conduta do outro, negando ou reforçando normas e condutas sociais como evidenciou Alves (2024), ao trazer uma pedagogia das cantigas de capoeira em sua pesquisa.

Desta maneira, as primeiras análises das cantigas de capoeira demonstram um universo cheio de entremeios, tensões, jogos de identidades e um currículo cultural que nos apontará vários significados. Na passagem a seguir, podemos ter uma ideia de como as cantigas são potentes.

Você que treina, tá na roda caça-briga
Você que treina, tá na roda caça-briga
Preste atenção no que eu vou dizer agora
A capoeira não é luta de tatame
A capoeira não é formação de gangue
A capoeira não tem lugar pra violência (Ladainha - 14 [...], 2001).

O que está posto nesta passagem é uma orientação de quais condutas devem ser seguidas na roda de capoeira. Foucault (1987) nos diz que as instituições são construídas de modo a produzir a disciplina nos indivíduos, enquadrando-os em determinada norma, para que assim possam conviver em sociedade.

Ao falar em normas, estamos lembrando o que Foucault (1987) nos diz sobre os mecanismos de disciplinarização que a sociedade produz, no sentido de forjar subjetividades que criam corpos dóceis e reiteram ações dos sujeitos, enquadrando-os em determinada ordem social. Em uma sociedade cada vez mais vigiada e racializada, é de se esperar que os seus espaços sociais, culturais e educacionais produzam dispositivos de controle para se manter ou estabelecer certa ordem. É o que parece acontecer com a capoeira. Ao olharmos para algumas cantigas, notamos o poder da norma operando como forma de normalizar as condutas dos indivíduos. Como podemos observar na letra da cantiga a seguir: “Peia³ seu gado, seu moço/Não deixe o gado soltar/Eu vim das bandas de minas/ “Tô” aqui pra jogar⁴” (Mestre Tapioca, 2016).

As cantigas de capoeira ainda trazem esse jogo de palavras e, através de metáfora, podem trazer um ensinamento ou uma orientação de conduta. É o caso do trecho da cantiga acima, que, ao falar “peia”, está se referindo a segurar, amarrar, ir com calma. Esta é uma orientação de como entrar e se portar na roda de capoeira: não ser afoito e ir devagar; não se sabe com quem se está jogando, então é preciso ter cuidado com a intenção do outro praticante de capoeira. Logo, muitas vezes as letras das cantigas na capoeira são carregadas de sentidos, muitos dos quais são orientações.

Nas análises das cantigas, a temática sobre a violência no universo da capoeira foi muito evidenciada, tensionando normas e condutas que, para quem canta ou escreve a letra das cantigas, representam um modo de conduzir o ambiente da roda. Entretanto, os sujeitos que da roda de capoeira participam são pessoas diversas, as quais carregam consigo toda uma bagagem cultural, vivências e experiências e que muitas vezes podem ter subjetivado em suas ações comportamentos violentos. Com isso, tenta-se afastar a violência da ação do capoeirista.

É interessante aqui fazer um aporte com o que Fanon (2005) diz sobre a violência, que seria resultado não de impulsos pessoais das pessoas, que tiveram as suas vidas colonizadas de formas violentas, mas sim uma resposta ao sistema em que elas estão inseridas, e aqueles que promovem violências estruturais somente entenderiam uma ruptura por atos igualmente violentos.

O que estamos dizendo é que a violência não é um ato isolado — não justificando atitudes violentas —, mas é um ato que parte de uma realidade por vezes racializada de poder, causada pelo racismo instituído socialmente, na qual os sujeitos que estão vulneráveis formam as suas atitudes a partir dessa estrutura. Vale lembrar que a capoeira é produzida a partir de uma realidade dos sujeitos negros/as, os quais estiveram expostos a todos os tipos de violência no decorrer da história, e ainda hoje esta realidade é muito presente, ao considerar a cor da pele e a origem da prática, ela é por vezes alvo de discursos racistas, o qual nega a sua formulação como uma prática cultural, ou nega-se o sujeito praticante da capoeira como alguém provido de valor, neste sentido, o passado ainda formula quem pode ou quem não poder ser uma representatividade de sucesso.

Algumas cantigas vão apontar campos de disputa por uma formulação de verdade, tensionando temas ligados à escravidão no Brasil, assim como a violência que os escravizados sofriam. A cantiga surge nesse contexto até mesmo como forma de denunciar o sofrimento, a desvalorização humana e a violência resultante de mais de 300 anos.

E na senzala, eles ficavam a fel
Muitos morreram no tronco de tanto apanhar
Dor, só existia a dor
O chicote abalava e no repique do tambor
Uma luta então nascia, a esperança chegou

³Segundo o dicionário Oxford, peia é corda ou peça de ferro que prende os pés dos animais.

⁴Bom vaqueiro, Mestre Tapioca. CD Camará Capoeira. Em: álbum camará capoeira, acesso em: 04 abril. 2026.

Mas um dia o feitor se assustou
O negro estava apanhando e logo se levantou
Começou a gingar, e começou a gingar
Negro! O que você estava fazendo, negro
Feitor maldito, agora vou lhe matar
Eeee feitor maldito, agora vou lhe matar (Ladainha - 05 [...], 2001).

Para Santos (2017), o Brasil caracteriza-se, no que diz respeito à escravidão, como um país construído pela exploração de vida e tentativa de apagamento da história de milhares de africanos e seus descendentes, que por séculos tiveram suas trajetórias totalmente silenciadas. Neste sentido, ao trazer a violência que era produzida no passado, tenta-se acionar uma história que, por vezes, pode ser pouco contada: a história da escravidão e suas mazelas.

O autor aposta numa realidade silenciada, onde há o apagamento dos modos de viver, pensar e agir das pessoas escravizadas no Brasil (Santos, 2017). Na contramão desse pensamento, apostamos no que diz Foucault (2007), quando nos atenta sobre aquilo que está velado, escondido, mas está ali, operacionalizando as relações nos seus sentidos mais micros. Assim, consideramos que não há apagamentos das memórias, mas sim que há discursividades e relações de poder que resultam sujeitos diversos, com experiências e seus currículos culturais que não o apagamento, que representa relações racistas nos mais diferentes âmbitos sociais.

Outro ponto que observamos nas cantigas — anunciado de antemão — é a temática religião, que perpassa diversas cantigas de capoeira analisadas. Vale aqui deixar registrado que não discutiremos a validade de uma religião em detrimento da outra, mas buscaremos, de forma incisiva, dar luz às questões relacionadas com a capoeira, principalmente no que diz respeito a religiosidade, tema que iniciamos na seção anterior.

Sá (2018) discute a temática religiosa na capoeira. Para o autor, os povos africanos, em especial os Yorubás, antes do período colonial não se enquadravam dentro de perfis religiosos, e afirma ainda que a religião da forma que a conhecemos é uma formulação europeia. Dito isso, o autor enfatiza que, apesar de os africanos não terem religião, o sobrenatural fazia parte da rotina de vida dessas pessoas. Ou seja, cultivar uma forma de vida superior era rotina para muitos povos africanos. Tudo estava ligado, em certa forma, ao sobrenatural — que, para o autor, não é propriamente a religião.

Neste sentido, se na rotina de vida dos africanos o sobrenatural se fazia presente, na capoeira não seria diferente. Se estamos considerando a capoeira uma criação dos africanos escravizados no Brasil, as formas de cultivar e viver o sagrado também se fazem presentes na sua criação. Muitos dos instrumentos, gestualidades, signos e códigos têm relação com o culto do sobrenatural africano.

Mas supor que o elemento religioso da Capoeira está apenas no canto é um engano. Ratificando: se tudo que o africano fazia no seu dia a dia estava impregnado da sua cosmovisão e tinha um caráter que o colonizador chamaria de religioso, o jogo da Capoeira também deve ter sido criado com a mesma atitude. A Capoeira não é uma prática religiosa, mas foi criada por pessoas para quem tudo na vida tinha uma profunda ligação com o sobrenatural e que, numa perspectiva euro centrada, seria chamado de sagrado (Sá, 2018, p. 62).

Trazemos esses precedentes porque o que notamos nas cantigas de capoeira é uma forte presença de religiosidade, e uma religião específica: a cristã. Comumente notamos nas letras das cantigas analisadas frases relacionadas a Deus, Jesus Cristo, Santo Antônio, Virgem Maria ou então letras que nos levam a interpretar uma pretensa salvação divina. Como na letra da cantiga a seguir:

Ieeeeeeee aconteceu em minha vida
Aconteceu em minha vida
Tenho que a Deus agradecer
Na roda da capoeira, sempre a Deus eu vou louvar
Vou contar essa história, do fundo do coração
História da minha vida, preste bem muita atenção
Jesus mudou a minha vida, Jesus mudou a minha vida
Veja só o que ele fez, me deu paz e alegria
Tudo de uma só vez (Ladainha - 02 [...], 2001).

Ainda para Sá (2018), a apropriação da capoeira pelas pessoas evangélicas, criando uma capoeira dita “Capoeira Gospel”, retiraria as africanidades da capoeira, tal como instrumentos, cantigas, rituais da roda de capoeira etc., em nome de uma dita religião, a evangélica. Para as pessoas adeptas deste pensamento, a capoeira da forma que está posta, com sua ancestralidade e tradição, estaria a serviço de um “culto ao diabo”.

O que é importante falar aqui não é a defesa de uma capoeira que esteja entrelaçada a religião A ou B, mas sim refletir sobre o processo que leva à descaracterização de códigos e símbolos que expressam a religiosidade de matriz africana em nome de um dado pensamento religioso, eurocentrado. O entendimento que a capoeira possa ter elementos da religiosidade africana não a torna a própria religião, mas forjar a retirada dos traços da vivência do sagrado parece, para nós, uma tentativa de desvalorizar uma construção cultural da capoeira.

Não obstante, não são apenas elementos da religião de matriz africana que podem incomodar na questão da capoeira. Assim, é preciso desvincular toda e qualquer semelhança da capoeira com a cultura negra⁵. Podemos pensar aqui na própria ideia de democracia racial, a qual tenta apagar traços da negritude no Brasil. Vale lembrar que a capoeira desde a sua constituição moderna traz vestígios da tentativa de apagar esses traços negros da sua prática. Carneiro (2023) fala de um dispositivo da racialidade que demarca as relações de poder expressas por uma divisão em raça.

Se o sexo, conforme Foucault mostra em História da sexualidade, é o demarcador de uma verdade sobre o sujeito que define a sua normalidade ou anormalidade, a “raça” é, em meu entendimento, outro demarcador para a apreensão dessa verdade; por meio dela se evidencia o valor de cada agrupamento humano, a medida de sua humanidade, a normalidade de cada qual. Assim, o saber sobre o negro é considerado como prática discursiva de diferenciação social segundo a racialidade, que permite a distinção social de cada indivíduo por discursos de “raça” produzidos no interior de relações de poder (Carneiro, 2023, p. 36).

Poderíamos pensar em deslocamentos, que a capoeira está sofrendo transformações que a coloquem em outro lugar, mas, pelo contrário, há nesse jogo a tentativa de desvalorizar dadas características humanas, representadas pela cor da pele. Assim, apagar traços da religiosidade da capoeira pode estar vinculado a uma posição racializada de poder, ou seja, uma posição racista. Mota (2018) diz que desvalorizar traços das religiões de matriz africanas não é intolerância religiosa, mas sim racismo religioso, dada a estrutura na qual vivemos.

⁵Não queremos dividir a cultura entre branca e negra, mas utilizaremos a cultura negra como termo para designar códigos, símbolos, costumes e maneiras de viver produzidas pela comunidade negra no Brasil.

De forma diversa, há sempre algo que foge à regra; que, de tal forma apresentada por nós, delimita um padrão religioso cristão no que diz respeito às cantigas analisadas no contexto da capoeira de Mato Grosso do Sul. Vejamos a passagem do trecho seguinte.

Eee, olha a minha mandinga, eu sou mandingueiro
Eee, cuidado menino no jogo ligeiro
Olha a minha mandinga, eu sou mandingueiro (coro)
Quem nasceu no Brasil é mandingueiro
Eee, olha a minha mandinga, eu sou mandingueiro
Eee, cuidado menino no jogo ligeiro
Olha a minha mandinga, eu sou mandingueiro (coro)
Quem nasceu em angola é angoleiro
Quem nasceu no Brasil é mandingueiro
Olha minha mandinga eu sou mandingueiro
Olha a minha mandinga, eu sou mandingueiro (coro)⁶

O que nos chamou atenção nessa cantiga é o fato de se falar em mandinga. Por muito tempo, no universo da capoeira pensou-se que mandinga estaria relacionada a algum tipo de mágica, de sobrenatural, ou até como um elemento das religiões de matriz africana. Afinal, o que é mandinga então? Há quem use essa expressão para falar de uma energia que a pessoa traz consigo ou uma capacidade além da média que demonstra determinado atributo na roda de capoeira.

Nesse sentido, mandinga aparece como um tipo de jogo cujo objetivo principal é ludibriar o contendor por meio da astúcia. Porém, no mundo da capoeiragem, o termo “mandinga” também se refere aos poderes mágicos atribuídos a alguns capoeiras, que em geral trazem pendurados no pescoço patuás ou talismãs, chamados, no período colonial, de “bolsas de mandinga” ou simplesmente “mandinga” – que em certos contextos significava feitiçaria (Dias, 2009, p. 54).

Se olharmos na história, a mandinga está relacionada a um grupo de pessoas que foram trazidas da África ocidental para serem escravizadas no Brasil. Esses ficaram conhecidos como mandingos, os quais eram de religião islâmica e carregavam em seus pescoços um pedaço do alcorão em uma bolsinha de coro. Essas pessoas ficaram conhecidas pelas suas capacidades de produzir venenos de ervas, dando-lhe os atributos mágicos que lhe caracterizavam como mandingueiros (Dias, 2009).

Na atualidade, ser mandingueiro está relacionado com o jogo bonito, com a capacidade de enganar o parceiro na roda de capoeira, de envolvê-lo em um jogo perigoso e dinâmico. Mas é um termo que ainda carrega um significado de magia deixado pelos antepassados em torno da mandinga na capoeira. Desta forma, há elementos nesse universo que denotam uma ancestralidade em torno de sua prática e que continuam vivos.

Assim, podemos influir que o universo da capoeira de Mato Grosso do Sul traz em seu currículo elementos da religiosidade, que nas músicas ficaram evidenciados pela religião cristã, mas que ainda carrega traços da ancestralidade na roda de capoeira, a qual foi formulada a partir da vivência do sobrenatural dos africanos, que misturavam o seu cotidiano com o culto ao sagrado sobrenatural.

⁶ Na minha mandinga, Mestre Jaraguá, álbum Camará Capoeira, acesso em: 02/04/2026.

Vale destacar que a ambiguidade na capoeira pode estar presente a todo o momento, ao mesmo tempo que ela está a serviço de uma produção antirracista, ela mesmo pode reforçar alguns traços racistas de atuação, como tenta desvincular a religião de matriz africana da base da capoeira, ou então, em outro momento enfatizar a produção e existência de uma outra religião que não seja hegemônica.

É nesse sentido que os currículos culturais em capoeira importam, pois, é justamente a atuação dos sujeitos capoeiristas que poderá representar a capoeira como uma prática que faz a manutenção de ações e estruturas racista ou então, poderá romper com a estrutura racializada de poder, em outras palavras, combater o racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o racismo e a produção de um currículo cultural da capoeira de Mato Grosso do Sul foi o objetivo central deste trabalho. É interessante dizer que analisamos um pequeno universo — álbum musical e produção audiovisual, tidos aqui como artefatos culturais — e que muitos outros artefatos podem ser analisados. Mas, ainda assim, podemos ter vestígios importantes de como tal currículo se manifesta na capoeira do referido estado.

Podemos observar que há uma tendência de normas e condutas serem reforçadas a partir das cantigas de capoeira, e até mesmo nos discursos dos mestres de capoeira de MS. A violência apareceu como um dado importante nas cantigas, ligada a uma tentativa de produção de não violência, de reiterar condutas dosséis e pacíficas.

Em termos da escravização, as cantigas trazem elementos de agência e resistência, ao relembrar o passado violento a que pessoas escravizadas foram submetidas; ou ainda, criam-se sentimentos em comum na luta pelo combate ao racismo, como cantou Mestre Adilson. No tocante à religiosidade, há uma ambiguidade entre a capoeira ter ou não ter religião, pois, ao mesmo tempo que os discursos dizem que a capoeira não tem religião, há a inserção de temas cristãos nas cantigas, e os temas das religiões de matrizes africanas tendem a ser invisibilizados, quando justamente se diz que a capoeira não tem religião.

No que diz relação ao racismo e combate ao racismo, é importante evidenciar os currículos culturais, para que assim possamos ler como as ações de combate ou manutenção ao racismo agem no ambiente da capoeira. Não tratamos a capoeira como uma prática natural, que pode à princípio combater o racismo, mas sim, que pelas suas características e pela sua própria constituição é uma manifestação potente que carrega consigo possibilidade de combate ao racismo, que dependerá da atuação e do currículo cultural do capoeirista

As discussões aqui apresentadas podem tomar várias proporções, na medida em que outros artefatos culturais sejam observados, ampliando dessa forma o debate sobre a produção de identidades, pensamentos e experiências dos sujeitos da capoeira do nosso estado. Neste trabalho, o limite se deu em analisar as cantigas de capoeira produzidas no contexto local, assim como no documentário com os mestres de capoeira. Consideramos que as possibilidades de análises apresentadas aqui podem contribuir para a compreensão de como os sujeitos da capoeira produzem suas realidades a partir da relação com a prática e suas experiências, que, para nós, se caracterizam como currículos culturais.

Referências

- ALVES, Marcelo Barbosa. **Cantigas de Capoeira de Mato Grosso do Sul: Currículos, Identidades e Poder.** Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) — Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/8696>. Acesso em: 01 maio 2026.
- ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais – uma cartografia das (re) invenções do conceito.** Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- BHABHA, HomiKharshedji. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.
- BRASIL. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro.** Brasília: IPHAN, 2007.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia; BONIN, Iara Tatiana. Contribuições dos estudos culturais às pesquisas sobre currículo: uma revisão. **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 509–541, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/costa-wortmann-bonin.pdf>. Acesso em: 01 maio 2026.
- DIAS, Adriana Albert. A mandinga e a cultura malandra dos capoeira. **Rev. de História**, v. 1, n. 2, p. 53–68, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/26680/15999>. Acesso: 25 jan. 2026.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV:** As confissões da carne. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11. ed.
- LADAINHA - 02 - Jesus Mudou Minha Vida - Mestre Profeta.** Produção executiva: Rasdair da Mata. Produção artística e musical: José Eduardo Gallindo Novo. 2001. 1 vídeo (5min4s). Publicado pelo canal Acervo Digital Memória Fonográfica de MS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hMTm8QLmFZw>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- LADAINHA - 05 - História de Uma Luta - Mestre Cajú.** Produção executiva: Rasdair da Mata. Produção artística e musical: José Eduardo Gallindo Novo. 2001. 1 vídeo (2min38s). Publicado pelo canal Acervo Digital Memória Fonográfica de MS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hMTm8QLmFZw>. Acesso em: 23 abr. 2026.
- LADAINHA - 14 - Capoeira Sem Violência - Professor Zulu.** Produção executiva: Rasdair da Mata. Produção artística e musical: José Eduardo Gallindo Novo. 2001. 1 vídeo (4min54s). Publicado pelo canal Acervo Digital Memória Fonográfica de MS. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6xXuL_JOX78. Acesso em: 02 abr. 2026.

MACEDO, Yuri Migue; OLIVEIRA, Eduardo David de; PEÇANHA, Cinésio Feliciano. A capoeira como referencial metodológico para enfrentamento do racismo. **Revista da ABPN**, Associação brasileira de pesquisadores negros, v. 11, ed. Especial, p. 202-214, jul. 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/download/699/673>. Acesso em: 05 jun 2026.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, no. 1, p. 171-209, 2001. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Mbembe-Formas%20africanas%20de%20auto-inscricao.pdf>. Acesso em: 05/06/2026

MEMÓRIA dos mestres de referência da Capoeira do estado de Mato Grosso do Sul. Produção: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Mato Grosso do Sul. 13 dez. 2022. 1 vídeo (67 min). Publicado pelo canal Iphan. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vc3g6uO1wxo>. Acesso em: 01 mar. 2026.

MOTA, Emília Guimarães. Diálogos sobre religiões de matrizes africanas: racismo religioso e histórico. **Rev. Calundo**, v. 2, n. 1, p. 23-48, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/9543/8434>. Acesso em: 03 abr. 2026.

POSPICHIL, Letieli Reis; LIMA, Luana Rocha de; LEMOS, Natália Wildner de; MIRANDA, Leandro de Andrade; BARBOSA, Christiane Jaroski. A capoeira e sua linguagem de expressão. **Revista e-Ped – FACOS/CNEC Osório**, v. 2, n. 1, ago/2022. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/a_capoeira_e_sua_linguagem_de_expressao.pdf. Acesso em: 03 mai. 2026.

RIBEIRO, William de Goes. Currículo, subjetivação e política da diferença: um diálogo com Homi Bhabha. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 22, n. 3, set./dez. 2017. Disponível: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4961/pdf_1. Acesso em: 01 maio 2026.

SÁ, Marco Antonio Fontes de. A relação capoeira e religião – uma reflexão sobre antigos e novos tempos de uma arte que é marcial. **Rev. Último Andar**, n. 32, p. 56-69, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/40665/27416>. Acesso: 20 fev. 2026.

SANTOS, Jorge Egídio dos. **Capoeira angola e ancestralidade**. Rio das Pedras, SP, 2020.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **História da África e do Brasil afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 185-201.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

TRAJETÓRIAS da Capoeira do Mato Grosso do Sul - **Entrevista com Mestre Marcos Mattos**. Produção: Grupo Camará Capoeira. Apoio: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. 21 maio 2021. 1 vídeo (90 min). Publicado pelo canal Capoeira Cast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gkdWHQTcvD4>. Acesso em: 05 mar. 2026.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é algo comum**. In: Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 03-28.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO – não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Mauricio Roberto da Silva

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 14/06/2026

Aprovado em: 10/07/2026

Publicado em: 01/10/2026